KLAXON

mensario de arte moderna

São Paulo

NOVEMBRO 30 1922

klaxon

MENSARIO DE ARTE MODERNA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

S. PAULO — Rua Direita, 33 Sala 5

ASSIGNATURAS – Anno 12$000

Numero avulso — 1$000

REPRESENTAÇÃO:

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda
(Rua S. Salvador, 72-A.)

RECIFE — Joaquim Inojosa (Jornal do Commercio)

FRANÇA — L. Charles Baudouin (Paris).

SUISSA — Albert Ciana (Genebra Rampe de la Treille, 3).

BELGICA — Roger Avermaete (Antuerpia —
Avenue d'Amèrique, n. 160)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus collaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permittido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscriptos.

SUMMARIO

FARAUTO

A palavra *FARAUTO* é neologismo creado por mim, bem como o verbo *FARAUTEAR,* seu derivado. Parece mesmo incrivel que não fossem ambos inventados desde Abel e Caim.

A personagem que o substantivo representa e a acção que o verbo indica são coisas quotidianas, desde que a filharada de Eva começou a cantar poesias, esculpir pedrouços, soprar frautinhas de cana, descobrir o beneficio das ervas medicinaes, etc.

Mas vamos á etimologia do nome. Verão que é bem construido. *FARAUTO* compõe-se de 2 substantivos: um abstracto, ou pelo menos espiritual, *F.;* outro concreto, *ARAUTO*, senhor que existe desde as eras verdes de além-Christo, destinado a transmittir successos de importancia. Mas não basta: *FARAUTO* lembra imediatamente *farauta,* termo usado entre os zagais do Minho, que o snr. Coelho Netto transplantou para a lingua brasileira:

"E' o lobo e não a farauta

Que te atrai ao seu algar... etc.»

E' possivel tambem que Odorico Mendes já o tivesse usado. Mas ha muito que não leio o traductor das Eclogas, e o fiz em tempo moço, quando ainda não tomava notas para uma futura possivel erudição. Farauta — ovelha velha, conformada com a própria senectude, de campainha ao pescoço, obediente, obedientissima. Assim *FARAUTOS* são esses homens de casta bem determinada, anonymos, inalteravelmente anonymos, por mais que assinem com todas as letras o nome; e aos quais a Fama (por não poder mais apparecer na Terra, nesta época em que deuses e entidades simbólicas morreram) destinou o officio de proclamar a glória e o valor dos Klaxistas. O *Farauto,* tenha 18 ou 74 anos, é velho e obediente. Mas tem voz altissonante, como os arautos medievais, porque lhes engrandeçe a fragil tremura do grito porta-voz da cólera e da inveja.

Farauto! Farauto!... O verbo então ainda é mais curioso. Só podem usal-o na 1.a pessoa os inimigos dos Klaxistas, quando se refiram a estes. Ex: "Eu farautéio Menotti del Picchia." Na segunda e terceira pessoa só pode ser usado por Klaxistas. Ex: "Fulano me faráutea constantemente." Tem tres significações distintas: uma no passado,

outra no presente, outra no futuro. *FARAUTEAR* no passado significa roer-se de inveja. Ex: «Um grupo de galos e galinhas farauteou durante toda a Semana de Arte Moderna.» No presente significa que o vulto, queira ou não queira, espalha nossa celebridade por toda parte. Ex: "Farauteio sempre os Klaxistas pelo Jornal do Commercio." Outro exemplo, tirado de lábios Klaxistas: "Famulo, porquê me farauteias." Quando no futuro, *FARAUTEAR* significa morrer de raiva ante a nossa fatal ascenção. Ex: "Quando virem certos jornaleiros que nosso grupo cada vez mais augmenta e se consolida, batendo a cabeça nos paralelepipedos, todos elles farautearão." De forma que, com este verbo-camelão, é perfeitamente admissivel esta phrase dum Klaxista, dirigida a qualquer das letras do alfabeto: "Farauteaste-me porquê eu era intelligente? Pois farauteia agora meu valor ás gentes do Brasil! Mas quando tua inutilidade me for absoluta, farautearás ainda, mordendo o frio chão!"

Meu «Poema», publicado na KLAXON n. 6, não foi comprehendido pelos farautos. Duas razões ha para tal incompreensão: 1.o são farautos, isto é, escravos obedientes. E nunca se imaginou que para o acto de obediencia fosse neccessario que os escravos comprehendessem as ordens de seus donos. 2.o a poesia foi escipta com sinceridade e modernidade. São duas coisas que não podem existir entre farautos — ovelhas velhas, ignaras da psicologia, acostumadas a entender só o que a métrica e a rima desfiguram. Mas porquê, como Bocage, um dia me achei mais pachorrento, procurei transcrever num soneto o que dissera no Poema. Fiz isto:

PLATÃO

Platão! por te seguir, como eu quizera,
Da alegria e da dor me libertando,
Ser puro, igual aos deuses, que a quimera
Andou, além da vida. arquitectando!

Mas como não gosar alegre, quando
Brilha esta áurea manhã de primavera
—Mulher sensual que, junto a mim passando,
Meu desejo de gosos exaspera?

A vida é boa! Inuteis as teorias!
Mil vezes a nudeza em que resplendo
A' clámide da sciencia, austera e calma!

E caminho, entre odores e harmonias,
Amaldiçoando os sábios, bemdizendo
A divina impureza de minha alma!

Os farautos podem argumentar que tambem não comprehendem o soneto, pois desconhecem Platão. E' verdade. Mas isso não impede que sejam obrigados a afirmar que o soneto é bom. E só dirão o contrário si ainda estiverem no passado do verbo *farautear,* si lhes perturbar o juizo a inveja sanhuda e esverdinhada. O soneto é bom, estais ouvindo? farautos... E' bom mas é péssimo. E' bom porquê está bem feitinho (apesar daquelles 3 participios presentes); não lhe falta sonoridade; é natural, não tem o ridiculo de palavras e rimas emiliosas: e lá brilha a chave de oiro ao fim. Nem lhe falta mesmo aquella notazinha de sensualidade, aperitivo de velhos e crianças. Pois é péssimo, porquê insincero. Não foi aquillo que senti e que deveria exprimir. (mas quem o saberia si eu o não affirmasse?) O que senti e exprimi está no Poema: O soneto é a máscara de cera que tirei da sensação morta, e que arriei de joias e pintei de cores vivas *conhecidas*. O soneto é uma análise, intelectual e mentirosa; o Poema sintese subconsciente e verdadeira. O

soneto só diz o que nele está e que não estava propriamente em mim. O Poema diz um mundo de sensações, que estiveram todas em mim. No Poema, como no momento de vida que o inspirou, a relembrança da passagem de Platão tingiu-me apenas de leve melancolia. No soneto bemdisse a impureza de minha alma, benção que não pronuncio na realidade, mas... não podia perder a chave de oiro. Não é verdade que a manhã me desse impressão de mulher sensual; tive impressão de manhã simplesmente, mas de manhã sol (*sol* aqui é qualificativo) e por dilatação do prazer, de vida feliz, alegre, barulhenta (*carnaval* é tambem adjectivo). E por associação de idéas, com 3 palavras sôltas, resumi expressionistamente, por deformação sintetica, o que faz a felicidade de minha vida: "amigos, amores, risadas". E coloquei estas palavras uma sob a outra, sem pontuação, porquê devem agir como um acorde: não produzem sensasões insuladas e seriadas, mas sensação complexa e total. E lá estão no Poema os impagaveis italianinhos que nos cercavam todas essas manhãs de exercicio militar, quando saiamos do quartel de Sant'Anna. "Moço, me dá um artista!" A Assumpção de Murillo veió-me por associação de imagens. Mas esta linda sensação não coube no soneto e menti ao momento de minha vida, omitindo as criancinhas que o tinham embelesado, para não errar as 10 silabas dos versos. O que puz nas 54 palavras de verso livre e na falta de perspectiva dum só plano intelectual modernista, não coube nas 88 palavras do soneto. Sei bem que, com esforço beneditino, poderia (talvez) encaixar tudo num soneto em alexandrinos. Mas arte é feliciidade, é alegria, é *brinquedo,* não é misticismo nem sofrimento. E tenho pressa, farautos! Nêste século, quem se atarda, longe do estéril turbilhão da vida, a repolir seus metros, perde o bonde, perde o trem: não será pontual á abertura da Bolsa ou das repartições. Mas diante da felicidade que sentia no momento que o Poema sugere, observei que me libertara da dor... Imediato me veio á memoria o passo de Platão em que éle diz que si nos libertamos da dor e da alegria, seremos puros, iguais aos deuses. D'ai a razão da leve melancolia em que o Poema termina, sem verso de oiro, natural, vivido, expressivo.

Mas, farautos, tudo isto é inutil para vós! Não compreendereis! Mesmo: não foi propriamente pensando em vós que escrevi a segunda parte dêste artigo. Escrevi-a para os que compreendem ou procuram compreender a modernidade para vós inutil, farautos velhos! A vós unicamente um serviço destinei: comentar meus versos, insultalos em artigalhões, reproduzi-los, para que minha fama, oh araras! mais largamente se divulgue.

Vamos! atrelai-vos depressa ao meu carro triumfal, meus farautos modestos e utilissimos! Continuai vosso caminho, guizalhantes, anunciando, como arautos que sois, minha glória e meu valor! Alem! O chicote de meu sarcasmo agiliza vossos mu'sculos enferrujados, assim como dirijo vosso andar com as redeas de minha ironia! Mais depressa! Aspera e longa é a montanha da glória, e a vós destinei a honrosa missão de me elevar ás alturas que ambiciono! Avante! Senti como o ferro em brasa de minha *blague* caustica vossos focinhos róscos de macróbios! Pinoteai! Não me derribareis nunca de meu carro triumphal! Sou Baco! "Eu volto da India!" E vós, farautos, minhas panteras coléricas, escutai o comando do Senhor !

MARIO DE ANDRADE

P. S. — E nunca mais vos dirigirei a palavra, meus farautos. Não tenho tempo e perder convosco, pois tenho muito que escrever. Não tendes tempo para me ouvir, pois tendes muito que obedecer.

O E'CO

Nas crystalinas laminas da serra
rebrilha a sua vóz, na multidão das vozes.
Cada encosta é um espelho; cada espelho
reflecte a imagem do seu canto.

Canção maguada... Noiva triste...
mira, remira o limpido crystal...
E' a vóz do sabiá multiplicada
num grande côro de sabiás!

Como esse canto se namora! Como
vaidoso fita a propria imagem!
Sobre a paizagem colorida,
o panorama da Sonoridade...
O éco é a multidão das imagens sonoras
na face pura dos espelhos invisiveis...

Canta sosinho... Todos os passaros morreram...
Só elle vive, o solitario...
Canta! E cantando opéra
o alto milagre da Resurreição!

Canção maguada... Como se enamora
nas arias simultaneas que desperta,
no mimetismo das suas sombras!

Canção maguada... Noiva triste...
vóz do sabiá sosinho, nunca estarás sosinha
nunca terás esta impressão desoladora
da minha dôr que não achou ainda
que ainda não viu, para se enamorar
na lamina pura das almas,
como vês nas laminas da serra,
desabrochar o desenho da sua imagem!

PLINIO SALGADO

5

LA GUERRE

aH! LA GUERRE
2 AOUT 1914
MOBILISATION GÉNÉRALE

en Suisse
je plongeais le calme du Léman
trop bleu au milieu des montagnes sombres

Et Susy avait des yeux de lac aussi
des cheveux roux
et une cape bleue très élégante

On ignorait le fox-trott
le shimmy
au Monico
Tabarin
Maxim's
et j'espérais ne plus revoir l'Amérique
si lointaine dans les cartes
presque éteinte en ma mémoire...
On ignorait d'autres choses encore
la faim
la mort
le change
Et puis un jour on apprit tout cela
LE SUPPLEMENT DU JOURNAL DE GENÈVE
LA TRIBUNE
LA SUISSE

Et les placards en trois langues
sur les murs
et les tambours dans les villages

Angoisses
Anxiétés
Qu'arrivait-il au juste?
Et on lisait tous les journaux contradictoires

Patriotisme
Enthousiasme
Pauvre France blessée...
Mais la vie reprit
Susy
Monico
Etudes
Susy encore
et d'autres dont MON AMOUR
O promenades silencieuses
audacieuses
par les nuits glacées
á la rencontre de la chambre bleue
comme le lac
comme la foi de ma jeunesse...

Et puis la bataille de la Marne
On respira profondément
et pendant que quelques mois on y pensa souvent
et puis plus rien
que l'étau des petites misères
qui se resserra insensiblement
et peu à peu devint
l'étau des grandes misères
Mais on y était déjà habitué

Et que m'importait la guerre, la misère, la Vie? Je mourais tous les soirs dans la chambre bleue qui tournait dans ses yeux verts... Et cette mort multipliée que je l'aimais!

Le facteur m'apporta un soir une lettre recommandée et le journal du 11 Novembre 1918.

ARMISTICE

SERGE MILLIET

O MEU PASSADO

I

O meu passado
Tres cruzes

II

A primeira
Está plantada num abismo insondavel do mar
O sol não a beija
A primavera não lhe traz flores
As minhas lagrimas não a alcançam
O peixe das phosphorescencias estranhas
Olha-a e sem saber o que é
Eu a sinto
Vejo-a no meio das algas verdes
Foi a primeira cousa que eu vi
Abrindo os olhos á vida
A' luz
Uma cruz
A cruz de minha mãe

III

Molharam-me o rosto com agua fria
Eu não sabia o que era
Deante de mim
Um homem vestido de branco
Cantava
Tinha nas mãos uma cruz
Nunca mais reverenciei aquella cruz

IV

No alto duma montanha nua
Está a minha terceira cruz
Confundida com mil outras
Em baixo
A cabeça partida
Um braço mutilado
Sangrento

Sujo de barro
Está o meu pae
Que o chumbo inimigo matou
V
O meu passado
Tres cruzes
Muito pesadas
Demais

CLAUDIUS CALIGARIS

CONTE

A' JORRIS MINNE

Le roi des gnômes cracha dans ma cheminée. Il me chipa une cigarette, l'alluma d'un tison crueilli délicatement avec les doigts de la pincette rouillée. La fumée monta au plafond. Des chats descendirent. Ils étaient noirs et leurs yeux n'étaient que les étincelles de mon feu, tantot éteint, ou presque. Le roi des gnômes caressa le plus fros des chats. Un ronron déférent rythma l'heure. Je ne pensais plus à ma bouilloire. Le thé fut servi tout de même, par deux cricris vêtus en capucins. Je reconnus les cricris qui organisaient l'orchestre des soirs ordinaires.. Le roi des gnômes les fit manger par son chat. Je né me choquais pas de ces procédés. Je saluai le roi dans l'espoir d'obtenir un conte. Il tira une langue verte. Une souri rouge sortit de sa bouche. Je pensais á la jeune sorciére qui dansait nue sur le Broken avec le docteur Faust. Elle avait vomi *aussi* une Souris rouge! Je voulus relire Faust. La littérature était la plus forte pour une fois. Le roi des gnômes, dépité, s'en alla par le trou de la serrure, mais, châtiment, une puce glissée dans l'entrebaillement de ma pantoufle gagna mon orteil gauche et me piqua cruellement.

MARCEL MILLET.

Gloria

Um artista não deve sobreviver á sua obra. Deve morrer a tempo, sem ser officialmente glorioso. Porque a gloria é um symptoma de decadencia. Sujeita-se, como todas as cousas fracas, a todas as relatividades. Assim, a gloria é quasi geographica. Ha criaturas que se contentam muito commodamente com o applauso nacional. Estas pessôas ingenuas confundem o coqueiro crioulo com o loureiro da Grecia. E' exactamente o que se entende por «uma gloria nacional».

Em materia de gloria, o extremo maximo chama-se Ridiculo.

São muitos os degráos por que um homem tem que subir, á força, a esta culminancia engraçada. Primeiro, o heróe dá o

nome a uma rua; depois, tem a sua effigie nos sellos e nos dinheiros; depois, é fundido em bronze, definitivamente, para a praça publica; depois, posto em vitral e, finalmente, cantado em opera. A opera é o supremo grotesco. E' o grotesco fatal. Guilherme Tell é dos que não escaparam.

Mas, depois da opera, a gloria, não podendo fazer mais nada, começa a negar a existencia do heróe. E' o que vem acontecendo com Homero, Shakespeare e até mesmo com Napoleão.

Destas considerações eu conclúo, com uma convicção muito forte que a unica preoccupação de um grande artista deve ser esta: ser negado antes, ainda em vida. E' o unico meio seguro de escapar aos perigos exquisitissimos que lhe reserva a gloria.

Isso tudo porque, no mundo, para a gente não ter a desgraça de ser glorioso, é preciso parar na frivolidade. Porque os homens felizmente ainda não comprehenderam que a frivolidade é o que ha de mais sério. O principal não tem a minima importancia.

GUILHERME DE ALMEIDA

Parallelepipedos

(Estudo sobre o calçamento intellectual)

Um amigo meu que esteve em Pindamonhangaba contou-me que ha, na Oceania, uma tribu de indios que conserva atá hoje a unica tradição respeitavel e louvavel.

Quando um indio dessa tribu intelligente envelhece, levam-no ao pé de uma arvore. Não ao pé de um páo d'alho porque na Oceania não ha páo dalho, mas sim junto a uma arvoresinha de tronco liso e fraco, dessas arvores que o vento sacóde de cóccegas e que protestam com gritinhos e arrepios. Reune-se para a cerimonia a tribu inteira vestida com collares multicôres e pennas no nariz; só, basta. A distancia um casal de touristes inglezes: elle, alto, magro, vermelho; ella, alta, magra, vermelha. Começa a cerimonia. Obrigam o velho a subir na arvore e sacodem-na. O velho grita, naturalmente e agarra-se aos galhos. E a rapaziada sacode, sacode, sacode a arvore. Se o velho cahe, matam-no e o casal inglez nem se mexe: guarda seu jubilo para quando voltar para a Inglaterra. Se o velho não cahe é que teve forças bastantes para se sustentar em tão incommoda posição e os indios levam-no para casa. Já que elle ainda têm forças, é util, não vae atrapalhar a vida dos moços.

Esse costume respeitavel não é peculiar aos indios da Oceania. Depois de muitas pesquizas e arduos trabalhos ethnographicos descobri que nós brasileiros tivemos em tempos antiquissimos esse habito admiravel. Infelizmente a invasão lamentavel da "civilização" fez desaparecer a sã tradição paterna. Ficou porém na linguagem uma lembrança do uso antigo. Chamamos um homem que está começando a envelhecer, *um homem maduro*. Isto é, um homem que, quando subir na arvore, cahirá como um fructo maduro. Os senhores Usos e Costumes, presidente e secretario geral, respectivamente (é natural) da *Societé ethnographique de France* a quem eu communiquei minha descoberta, participaram-me que, segundo meu estudo, tudo leva a crer que os antigos gaulezes tambem tinham o mesmo costume. De facto os francezes até hoje tratam como nós os homens de uma certa edade de HOMMES MURS ou "vieux marcheur", depende.

Mas voltemos ao que eu estava contando. O que era mesmo? Ah, sim! Os senhores não acham essa tradição admiravel? Pois eu acho. E vou dizer porque. Se as minhas razões não interessam, o leitor que vire a pagina. O leitor é um homem feliz e superior, póde virar a pagina.

Qual é em arte a utilidade dos avôs? Puramente decorativa. Em um salão fica bem o retrato de um avô desconhecido. Todo cavallo de corrida têm seu pedigree. Em arte os antepassados intellectuaes são quadros para decorar uma bibliotheca, as vezes são mestres, ou melhor professores, mestres-escola com quem se aprende a lêr e escrever. Instrumentos de trabalho, simplesmente, como a enxada, o martelo, a penna. Dizem que ninguem nasce sabendo. Deve ser verdade, pois o nosso previdente governo cuida em esbanjar dinheiro construindo escolas. Mas os nossos bons governadores, nunca pensaram em crear escolas para os alumnos ficarem nellas a vida inteira. Elles sabem por experiencia que, depois de aprenderem uma porção de cousas absolutamente inuteis, os discipulos desgostozos irão aprender por conta propria na unica escola verdadeira — a vida. Taine aquelle senhor francez gordo e condecorado (já fallecido) disse uma vez, por acaso, uma grande verdade: *il faut aller á l'école, mais pas y rester.*

Os poetas modernos estiveram na escola, estudaram, leram bibliothecas inteiras, meditaram, mas um bello dia comprehenderam que tudo aquillo era *vanitas, vanitatum, et omnia vanitas.* O leitor sabe latim? Soube com certeza mas não sabe mais. Então vou traduzir: vaidade, vaidade das vaidades e tudo é vaidade.

Um poeta passadista animado da melhor vontade para com os modernos ou melhor um poeta intelligente que comprehendeu que se elle não mudasse estaria morto, dizia-me: "Experimentei fazer versos modernos Como é difficil»!

O poeta moderno não canta como um passarito empoleirado, sem saber. Aliás os passarinhos tambem aprendem. Posso affirmal-o, pois já tive criação de canarios. Quando os meus canarios estavam grandinhos a mãe fazia-os ficar quietos e cantava. Joanna dizia que era para os entreter, para elles não fazerem reinações. Joanna não tinha razão, infelizmente. Meus canarios estavam aprendendo a cantar, estavam na «escola cantorum». E quasi sempre acontecia que os filhos cantavam uma canção completamente differente da da mãe e ás vezes mais bella.

* * *

Todo artista passa durante sua vida pela evolução de seu genero atravez dos seculos. Nem sempre as differentes phases dessa evolução deixam traços na sua obra, mas nem por isso ella deixa de existir. Emquanto o artista evolue, está á procura de sua personalidade, no dia que a encontra (nem todos têm essa felicidade) sua arte se crystalliza, fica sendo *elle*, só *elle* e nada mais.

O caso de S. O. Gramt, o grande escriptor inglez é typico. Começou com um volume de versos resultado de uns dez annos de trabanho. Em *"The silver's Lake"* ha poemas romanticos cheirando a lord Byron, poemas symbolistas, versos parnasianos etc. S. O. Gramt nessa epocha não tinha encontrado sua personalidade; aspirava chegar á realisação de um ideal indeciso que nem elle poderia deffinir talvez. Depois de *«The silver's lake"*, o grande intervallo da guerra. Durante esse tempo a evolução continuou lenta, segura, sem o proprio S. O. Gramt saber talvez. E um bello dia apparece "The World's most difficult town", esse maravilhoso romance, expressão genial de uma imaginação, de uma "verve", de um "humour" nunca visto.

S. O. Gramt começou completamente enganado a seu respeito, pensou que fosse poeta. Não era. Era romancista, humorista. Mas o trabalho que realizou não foi absolutamente perdido; ao contrario, era necessario. Ha em «The world's most difficult-

town" uma bibliotheca das sciencias as mais diversas. Só um homem com uma cultura extraordinaria ao serviço de uma technica de romancista admiravel, poderia conceber as invenções incriveis desse romance, o melhor que a litteratura ingleza produziu depois de Swift.

E foi pelo trabalho, e unicamente pelo trabalho que S. O. Gramt conseguiu achar sua personalidade e exteriorizal-a numa obra prima.

O poeta moderno que nunca escreveu sonetos perfeitos, com verso de ouro, que, nunca, como um gatto em cima de um telhado, miou romanticamente seus amores á lua e aos visinhos, nunca escreverá bons versos livres. O mesmo se dá com o pintor que não estudou anatomia e o compositor que não conhece armonia. Faltar-lhe-ha sempre o «metier», a base, que só se consegue com o trabalho.

O bom burguez satisfeito e definitivo vendo um quadro moderno, exclama: «Esse pintor não sabe anatomia". E as pessoas presentes olham com admiração o senhor gordo que emprega termos technicos. Mal sabe elle, escondido atraz de uma pansa capitalista que, justamente por saber anatomia a fundo, é que o pintor conseguiu pintar aquelle quadro... que elle não entendeu pela simples razão de não saber anatomia e outras cousas.

RUBENS DE MORAES.

Chronicas:

MUSICA

JOÃO DE SOUZA LIMA

João de Souza Lima, ao partir para a Europa, deixara-me uma pessima recordação: a execução, no seu concêrto de adeus, da pior Sonata Patética que é possivel imaginar-se. Isso de ultimas impressões calam fundo no espirito. Recordava-me do estudante que partira, talentoso, sem duvida (vivem por ahi ás duzias os talentos!) bem dirigido, mas fraco, incerto, sem virilidade nem sabedoria. Tanto mais me enthusiasmou por isso a surpreza do Souza Lima de agora. E' outro. O pianólatra metamorfoseou-se em Orfeu. Não acredito que por emquanto possa domar as feras... Foi prova disse um dos trechos que concedeu extra-programma. Desperdiçadamente irónico, meteu-se a executar as "Folhas Mortas" de Debussy, o que fez correr um frio pelo tão erudito quão sensato publico desta capital artistica do mundo. No entanto, de que maneira executara o preludio! Um prodigio de sugestão. E principalmente: que dedos sapientissimos êsses de Souza Lima para conseguirem aquella sonoridade estranha, toda vaga e esgarçada, tão debussiniana, de que ainda não dera amostra em todo o programma!

E' que Souza Lima não lança atoa seus efeitos, em lugares que lhes não competem. Pensa sobre o que vai fazer. E' artista antes de ser artesão. Aquellas "Folhas Mortas" foram uma luz que me elucidaram sobre todo um admirável aspecto de seu talento. Affirmo que penetrou intimamente a personalidade de Debussy. Soube dar-nos deste duas faces quasi contrarias: o feiticeiro estilizador de sensações no preludio; e o piedoso, um pouco irónico amador de crilas, nos trechos da "Boite á joujoux" — que o publico, que fôra ao theatro, com franqueza, só para applaudir, applaudir cegamente e voltar para casa satisfeito de ter parido um genio, subdividiu por meio de ignaras palmas.

Em todo caso, seja dito, para honra do publico, que as 3 pequenas peças não se continuam no bailado. Mas uma censura cabe tambem ao pianista. Confeccionou um programma fragmentário e dispersivo. Porquê dar um tempo de sonata, e não executal-a toda? E' só passarmos de Weber para Beethoven para se perceber o mau-gôsto da leviandade. E do "Poema do Mar" de Samazenilh executou apenas o final. Acredite Souza Lima que as poucas pessoas que foram ao Municipal, não por fome de applaudir e curiosidade de

ver um 1.o premio do Conservatorio de Paris, sacrificariam gostosamente o tão rapsódico como postiço Grovlez, para ouvir os acordes de abertura e toda a prata liquida que Samazenilh derramou no "Luar sobre as ondas".

Desde que Souza Lima iniciou o programma, sentia-me atraido pela **musicalidade** de sua execução..

E' surpreendente. Será muito breve grande interprete dos classicos e dos modernos. Como desejaria ouvil-o em Mozart! Mas num aspecto já é grandissimo: a **tecnica**. Não que tenha rapidez dum Friedmam ou suavidade dum Risler. Geralmente os virtuosi mostram desde logo uma ou duas qualidades technicas salientes, muito superiores ás demais. Com Souza Lima, apesar de estudante ainda, isso não se dá. Não é impecável, mas possue todas as qualídades tecnicas desenvolvidas **harmoniosamente**. E por isso é já extraordinario. fóra. acima do comum. Pianista desenvolvido por igual, não é especialista em escalinhas ou tremeliques lisztianos, porquê, desde a pedalização até a sonoridade, vai se aperfeiçoando simultaneamente em todos os requisitos tecnicos para conseguir assim essa coisa rara: a harmonia de qualidades que faz o artista sereno e perfeito.

Mas agora quero dizer porquê Souza Lima é Orfeu que ainda não póde domar feras. Falta-lhe maior dose de humanidade de profundeza, de sensibilidade heroica e trágica. Brilha já, mais ainda não pertuba, não revolucciona as almas. Minto. Perturbou-me divinamente á entrada do coral. em Liszt. Senti-me subir. Foi admirável. Mas infelizmente conduziu o estudo de Chopin, como si fôra um estudo e nada mais. Foi alumno, applicadissimo sem duvida, capaz de subtilezas dinámicas arrojadas e perfeitissimas, mas não fez reviver a tragicidade que Chopin deu áquella obra sua. E nem reviveu a aspereza impetuosa do Scherzo.

Souza Lima é muito moço ainda. Tenho certeza de que adquirirá essa profundeza que lhe carece por agora. E que não adquira, será grande o mal?

Vou ao concerto para me commover. Não ha duvida. Mas para me commover na **ordem artistica** e não na **ordem natural**. Miserias da vida, acho-as quotidiamente junto de mim, para, alem das minhas ter de chorar as fáceis lagrimas de Chopin, as coleras de Beethoven, os sarcasmos de Schumann. As commoções de ordem artistica sublimam e elevam. Da combinação de sons, que isto é a musica (deixemo-nos de complicações metafisicas) nascem dentro de mim commoções ideaes, sensações freneticas, suaves, báquicas ou puras, graceis ou severas que me fazem vibrar, mas desprendido do mundo. Eis porquê amo Bach e o Beethoven da 1.a e 3.a fases principalmente. Eis porquê adoro Mozart. Eis porquê gosto dos modernos e do maxixe de Nazareth.

O que fui procurar, no seu concerto, Souza Lima deu-mo com fartura, isto é, a MUSICALIDADE. Por isso affirmei mais atráz que breve será grande intérprete de clássicos e modernos. Não é sentimental, graças a Deus! Acredito pois que nos románticos não attingirá nunca a plenitude de sua personalidade. Como é lindo meu prazer, neste momento, èm applaudir Souza Lima, grande e corajoso **primeiro intérprete brasileiro** que soube quebrar as cadeias de pegajoso sentimentalismo a que azarentamente nos fadou o occasional enlace das "tres raças tristes"!

Muito bem.

Mario de Andrade

LIVROS & REVISTAS

PAULICEA DESVAIRADA, por Mario de Andrade, typographia da Casa Mayença, S. Paulo.

Nestes commentarios não cabe um estudo meticuloso do poéta paulistá. Infelizmente, estuda-lo neste paiz seria responder ás criticas adversas. Mas taes respostas Mario de Andrade já as formulou, antecipadamente, no Prefacio. Achamos esse Prefacio admiravel, tanto pelo que revela de cultura, como pelo que demonstra de vigor intellectual.

O Autor, aliás, pelo seu temperamento novo, audaz, isolado por emquanto em nosso meio literario, ó é capaz de indignar a critica nacional, cerrada entre paredes inviolaveis, sem coragem para admittir ou estudar um escriptor sem auxilio do **parallelo**. O parallelo, entre nós, até agora tem sido tudo em materia de critica. Balanças velhas demais, sem pesos proprios, como fazer para se obter o peso exacto do que é collocado numa das conchas? Só mesmo procurando mercadoria semelhante em peso, até conseguir alinhar a concha suspensa... Não póde haver criterio mais lamentavel. Contar que um homem tem um nariz parecido com o de outro homem, não diz como elle é, mas apenas como este é. Num artista, o que importa justamente descobrir é o que elle tem de proprio, de differente, de seu. Mas a critica nacional não sabe admittir Mario em si mesmo, em sua propria personalidade. E a sua indignação toda nasce

portanto de não conhecer nada do movimento moderno universal, o que a impossibilita de "perpretar" o suspirado **parallelo.**

***

Paulicéa desvairada colloca immediatamente o leitor em contacto com um temperamento estranho, chocante, inesperado. Mario de Andrade é differente de todos nós. Seus versos não nos revelam: "você já sentiram isso; seus espiritos já fixaram taes perspectivas, já supportaram taes emoções". Ao contrario do que succede com a maioria dos nossos artistas, ao travarmos relações com seus versos, nós não vamos **reconhecendo** o poéta: nós o vamos **conhecendo.**

Como o titulo do livro indica, Mario é o poéta da cidade-rua, da cidade-publica. Elle não sabe soffrer as alcovas, admitir a penumbra que os symbolistas chegaram ao auge de provocar artificialmente fechando as janellas, asphixiando-se ás vezes... Mario sente uma necessidade imperiosa de ar, de movimento, de liberdade. Elle vive, elle mora nas ruas. A cidade inteira pertence-lhe, com todos os seus tramas e comedias, ao mesmo tempo.

Mario é principalmente um objectivo. Seu objectivismo, entretanto, é pessoal, é só delle. Mario vê o que ninguem vê, porque elle vê tudo. E' um instrumento ambulante cujos cinco sentidos a cidade vae tangendo:

"A preamar do brilho das mansões...
O jazz-band da cor... O arco-iris dos perfu-
[mes...
O clamor dos cofres abarrotados de vidas...
Ombros nu's, ombros nu's, labios pesados de
[adulterio.. "

O instrumento é afinado e harmonioso. Isso não impéde, porém, que haja nelle uma corda mais estirada, da qual ás vezes saltam mesmo algumas notas mais sensiveis. E' a corda **auditiva.** Mario de Andrade é sobretudo um auditivo. Não ha rumor **(material ou intellectual)** da cidade que não actu'e em seu micróphono; não ha cantiga, não ha prégão que não deixe uma cadencia a **ondular** o seu subconsciente. Dahi, talvez, o conhecimento que tem, exacto, completo, do rhythmo. Elle conhece todas as notas, todas as vózes das palavras e assim póde crear, por meio dellas, imprevistas successões de sonoridades. Não faz a melodia assucarada, a meia-dia-valsa dos sonetos batidos, das balladas anemicas, dos alexandrinos saltitantes. Elle sabe escolher vocabulos que se encarregam de crear no espirito do leitor, suggerindo ou evocando, visões, idéas, sensações nelle adormecidas.

Mas, além de um grande auditivo, Mario tambem é um grande pintor. Seus quadros são resumos admiravelmenetnte coloridos de diversos instantes da vida da cidade. As paizagens, o Nocturno, Rua de São Bento e alguns outros poemas cream um ambiente especial para o colloquio do leitor com o poéta. **Mario** enxerga os menores detalhes das cousas, observa as vidas mais insignificantes das ruas. Elle atravessa as ruas e leva sempre comsigo um pedaço, por menor que seja, dellas. Raras vezes encontra nellas um pedaço de si mesmo, um complemento de seu proprio ser. Raras vezes a cidade entra, devassa, toma parte na sua vida:

"Triangulo.
Ha navios de véla para os meus naufragios..."

***

O Autor de **Paulicéa Desvairada** é um revoltado. Seu livro é um livro de crise, de exaltação. Dahi certos exageros nas expressões, certo **abuso** da liberdade. Uma de suas caracteristicas mais notaveis, tão rara neste paiz amigo da sombra, é a **coragem.** Mario, a pleno sol, atira-se logo para a frente, resoluto, sem ter um olhar, mesmo de duvida, para o que deixou. Uma prova? Basta notar esse emprego repetido de adverbios como substantivos ou adjectivos: **"os tambens", "os sempres", "ser paulistanamente".** Novidade para a lingua? Asperezas para o espectador? Pouco importa. Elle escreve, e, emquanto escreve, está vendo, está sentindo uma representanão cinematographica subcosciente. Não tem tempo para esperar a expressão. Esta que lhe venha ao encontro.

(Mario despreza completamente o espectador).

***

Dissemos que Mario é um objectivo. Mas é um objectivo paradoxal, isto é, que toma á cidade em que vive aquillo apenas que **lhe** póde servir. E' portanto um objectivo na **sensação** (recebe tudo, embóra só guarde alguma cousa), mas é um subjectivo, si assim podemos nos explicar, na **expresão.**

Esse subjectivismo, aliás, como é natural num livro de separação, de rompimento entre o **eu** que possuia artificialmente e o **eu** que afinal reconheceu em si mesmo, é um subjectivismo exagerado.

***

Paulicéa Desvairada, embóra intencionalmente, é um livro todo regional. Sómente quem conhece bem São Paulo é que póde devidamente admirar os seus versos. O poema final, por exemplo, póde ser entendido por leitores de fóra, mas sómente por **paulistanos** póde em verdade ser sentido. Não sabemos a que attribuir esse regionalismo exagerado do poéta. Para o thema desenrolado no poema referido (As Enfibraturas do Ipiranga), não custaria nada ao Autor universalizar as suas expressões, abrangendo,

com maior clareza, os **horizontaes**, os **eguaes** que infelizmente existem em toda a parte. Ha realmente algumas impressões da cidade que, pela coloração que espalham na memoria do leitor, pódem ser deliciadas em toda a parte (o Nocturno, as Paizagens, mesmo O Domador); mas, ao par delles, a gente encontra umas minucias pessoaes de observação, apenas comprehensiveis por um grupo restrictissimo (o final do poema "A Caçada").

***

Mario, em seu livro, é rispido, impulsivo demais. Elle tracta as cousas e os seres tal como os vê ao primeiro golpe de vista. Não tenta rodea-los, examina-los bem, procurando ao menos uma face mais amavel. Não: elle vê e manifesta-se logo.

E' por isso que Mario destróe os burguezes e responde aos seres que ainda se commovem com Verdi e Macedo. Alguns chamam a isso intolerancia. Para mim é bondade excessiva. Só os homens excessivamente bons é que se preoccupam com os outros e procuram plasma-los ou modifica-los á sua imagem. Em arte, porém, parece-nos necessario um pouco mais de egoismo, de orgulho, de maldade..

Mas não são taes rugas do livro, nem **mesmo o proprio livro** que nos revelam o valor do artista. Esse valor a gente descobre embuçado atraz de certas expressões maravilhosas, de certas imagens incendiadas, de certos versos, de certas palavras, de certo simultaneismo-relampago. Mario de Andrade é um artista destinado a sulcar com o vermelho de sua arte a literatura que o Brasil ainda vae ter, civilisada, seria, obediente á hora e á humanidade. Sua influencia já se faz notar, embóra subteranea ainda, no movimento literario paulista. Hoje já ninguem mais se atreve a explorar a passividade do nosso publico com a pachorra do parnasianismo. Por mais que se procure não se encontra um unico soneto perfeito em nossas revistas actuaes. A escola que, por tanto tempo, atormentou São Paulo, passa agora pela crise dolorosa do silencio. Os seus corypheus já vão soffrendo a tragédia commovente de perderem a crença em si proprios.

Esse o valor exterior de Mario de Andrade. O seu valor interior pessoal está nos seus versos. São elles ardentes, vibrantes, cheios de vida, armados de ironia penetrante, suggestivos, modernos. Atravessa-os uma corrente electrica poderosa. O seu conctato a principio eriça, mas prende. E prende tão bem que a gente acaba por não sentir mais o choque inicial, mas apenas um prazer, um prazer voluptuoso.

CARLOS ALBERTO DE ARAUJO

"EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES" — Ronald de Carvalho — Annuario do Brasil-1922.

Desconheço "Luz Gloriosa", primeiro livro de poesias de Ronald de Carvalho, e ao qual, segundo illustre opinião, estes versos novos se ligam. E' innegavel porém que grande evolução adianta os Epigramas dos "Poemas e Sonetos" de 1919, livro muito bem feito, mas de pouco vigor e originalidade. Esse oscillar duma para outra orientação demonstra Ronald como o insaciado, o curioso, á procura da expressão, a qual, livre de preconceitos e escolas, coresponda a êle, poeta — homem do seu tempo, de sua raça, de seu paiz. Agora, pelo vigor e segurança de sua nova poesia, creio que Ronald de Carvalho encontrou a forma e as tonalidade em que mais poderá dizer de si mesmo e de seu tempo. Mais de si que de seu tempo; mais de sua raça que de seu paiz. E por ter criado um ritmo "grave, limpido, melancólico", mais de frautas e harpas que de bronze e pedras, mais de colunas risonhas que de severas, mais de estatuas celinianas que de mármores de Miguel Anjo, ritmo de maretas praieiras mais que ritmo de vagalhões do largo ou de montanhas, enfim por ter criado **seu** ritmo, criou um mundo: "Epigrammas Irónicos e Sentimentaes"

Ronald é um contemplativo silencioso. Desagrada-lhe porventura o tumulto da vida moderna. Por isso sua poesia não objectiva propriamente a vida moderna, sinão as consequencias espirituaes que dela se possam tirar. Assim: vive todo imerso nessa filosofia actualisima, cujo representante principal no Brasil é o sr. Graça Aranha, e que para mim nada mais significa que uma profecia arrojada e facil, prematuramente tirada do progresso de certas sciências experimentais, principalmente da psicologia e da fisicoquimica: o homem, livre do bem e do mal, considerado como uma das muitas pollas dêsse maquinismo sem Deus, o Universo criador e transformador de energias intrisecas. Junte-se a isso uma leve influencia de Omar Khayyam. Estas as influencias exteriores que determinam a orientação principal da filosofia de Ronald. O que lhe é pessoal: a doce ironia que não fere; uma piedade imensa, que demonstra quanto o poeta sofreu no combate das idéas; e a melancolia, a melancolia cansada, carrilhão crepuscular, talvez unica nota amarga do livro. Essa melancolia, que é preciso não confundir com penumbrismo, a todo momento se relembra nos versos e determina no poeta minutos de scisma, como em Elegia, Este Perfume, Noite de São João e êsse maravilhoso Sonho duma noite de verão, tão imensamente cheio de vasio que se

tem, ao lê-lo, a impresão tangivel, fisica da vacuidade.

E, pois que falei em penubrismo, faço já a unica restrição que o livro me sugere. Laivos de penumbrismo, verdadeiras estrias cinzentas num marmore cor de rosa, deslutram aqui e além várias páginas dos Epigrammas. Irrita-me especialmente êsse "Nocturno Sentimental", artificioso, sem verdade, sem sentimento, sem comoção. Outras páginas ainda poderia citar. Poucas, felizmente. A mim, pouco me encomoda que um poeta ame o silencio e o outono. O que quero é que viva seus versos, que seja poeta, Poderá ser uma antipatia pessoal, mas isso de repuchos ao luar, cheiram de longe a mofos de jardins de infantas transplantados para êste meio sem tradição, luxuriante de luzes e perfumes tão vivos que chegam a doer. (Nas constantes citações de frutos e coisas nacionais, sente-se que Ronald delas percebe muito mais a aspera crueza, que a sensualidade forte pouco adáptavel ao seu temperamento. Por isso disse mais atrás que representa mais sua raça, pois tem clareza e senso de proporções, que seu pais.)

Ronald de Carvalho, com os "Epigrammas", filia-se á onda dos cultores do verso-livre e da rima-livre. Sob êsse aspecto seu livro é duma modernidade excepcional para o Brasil — pais em que os rubricados pelo Ministério das Glorias e Celebridades estão voltando a Castro Alves, a Fagundes Varela, quando não repetem Bilac e o snr. Alberto de Oliveira. Mas, apesar dessa liberdade, Ronald não representa toda a ansia e tortura dos modernistas.

Assim: enquanto êstes se debatem, se ferem, tombam, talvez morrem na esperança de exprimir a actualidade, Ronald, no Rio, como Guilherme de Almeida em São Paulo, tem a ventura de encontrar a perfeição, que só póde existir dentro da serenidade. Apesar de sua grande erudição, (que aliás apenas se percebe florida em lirismo sem resaibo de pedanteria) coordena suas inquietações, suprime-as, desdenha fórmulas e pesquizas estéticas; não o preocupa a expressão mais integral possivel do subconsciente, antes objectiva reações intelectuais; não se debate no mundo das imagens, angustiado, porque as vence e subjuga para com elas esculpir seu lirismo intelectual. E' fortemente expressivo, sem ser expressionista. Não deforma: analisa. E' grego ou renascente; não é negro nem egipcio. E' mesmo um passadista, sob êsse aspecto. Que lhe importa si é maravilhoso? Como recompensa de tanta independência, não terá o horror de ver sobre o busto de Palas a sombra dos espantalhos, com que, na sua fábula impiedosa, Couto de Barros desenhou meu lar de poeta. Ronald de Carvalho conseguiu, desde filiado á corrente modernista ,apresentar um livro clássico, numa época de construção, em que os erros se equiparam, em numero e tamanho, ás verdades infantes.

A mim não me preocupa esmiuçar cuidadosamente todas as perfeições e qualidades que se encerram nos "Epigrammas" As grandes obras contêm sempre uma lição geral que abafam todas as que se possam tirar dos pormenores. Insisto portanto em chamar de clássico ao novo livro de Ronald de Carvalho. Tem tudo o que determina essa grandeza. Sem exageros de purismo é duma perfeição linguistica notavel. Reflecte seu tempo nas teoria filosóficas, nas conquistas estéticas já definitivas, e no orgulho brincão dêste pais que se sabe predestinado, mas que ainda não meditou bem sobre a grandeza que lhe **póde** reservar o futuro. E' uma obra cristalina, clara, caracteristica, bem raçada, genuinamente latina. E' serena, inteligente, comovida. Humana e pessoal. E' livro que devia criar escola porquê é exemplar. E' UMA OBRA CLASSICA.

Temo que comecem a duvidar de tantos elogios. Tanto me rio dos outros que pensarão talvez descobrir ironias nisto que escrevo. Elas não existem aqui. Reli, quem sabe? umas dez vezes os Epigramas Irônicos e Sentimentais. Estas linhas exprimem a sinceridade dé longa reflexão. Um pouco ásperas no seu elogio cru'. Que querem? Foi o meio de descarregar um pouco minha admiração sobresaltada ante êsse livro admiravel.

M. de A.

LOUIS EMIE'. — L'abdication des pauvres et le couronnement des cadavres. Edition "LUMIÈRE" Anvers, Belgica.

Chega-me ás mãos mais um luxuoso volume da cuidadosa casa de edições. **Lumière,** de Anterpia. Apezar de ser ainda um desses livros, como ha tantos, sobre a guerra, não me parece de todo desinteressante. Louis Emié é ainda novato na litteratura belga, creio mesmo que é seu livro de estréa. Póde-se affirmar que estréa bem.

Detesto invocar influencias. Eis porque não citarei Jules Romain nem Romain Rolland. A preoccupação de fazer philosophia social influe demais sobre o espirito do autor e leva-o a banalidades e grandiloquencias. Mas é preciso louvar o estylo comovido e bastante original da segunda parte do volume. São contos que não são positivamente contos, mas poemas que se seguem com um enredo commum. Ha nesse poemas uma grande tristeza e uma resignação que o sr. Louis Emié difficilmente esconde debaixo do **élan** final.

Eis uma phrase, entre outras, caracteristica: ...**il faut subir un peu son âme.**

E é justamente porquê, estando ainda no periodo da alma, o autor não se quer deixar levar por elle, que seu livro tem defeitos. Veem dahi a grandiloquencia e a banalidade.

As illustrações de Jean Cantré são expressivas e originaes e de um modernismo moderado que póde agradar a qualquer paladar. E' esse mesmo o maior defeito de Jean Cantré. Prefiro o humour violento e satirico e a technica apaixonada de Felix Tieumermanns, autor dos "Jours pioux, album de 6 gravures".

Esperava encontrar nas illustrações de Cantré um soffrimento mais intenso, uma harmonia mais torturada ou então francamente sarcastica, que se adequasse mais ao texto.

S. M.

RECEBEMOS:

LUMIÈRE, numeros de Setembro e Outubro. Como sempre brilhante colaboração e boas xylographias. Convem mencionar no ultimo numero as bellissimas e numerosas reproducções de quadros do excellente pintor francez Le Fauconnier, bastante ignorado ainda no Brasil. Um forte poema do bolsheviki Alexandre Block e artigos de Avermaete e Marcel Millet.

LA NOUVELLE REVUE FRANÇAISE, numero de Outubro. No summario, muitos interessantes trabalhos de Benjamin Crémieux, Georges Gabory, Marcel Jouhandeau e Maurice Chevrier. Magnificas reflexões sobre a literatura por Albert Thibaudet e uma bella collaboração de Albert Cohen. Chronicas sobre musica e boas criticas dos ultimos livros de arte.

LA CRIE'. Muito agradavel a leitura do numero de Outubro da revista marselheza.

COSMO'POLIS. Numero de Setembro. A bella revista de Madrid, dirigida pelo nosso collabora-Guillermo de Torre, traz neste numero magnificos trabalhos de Luiz Araujo Costa, R. Blanco Fombona, Gonzalez Blanco, Guerra Junqueiro, Carlos Pereyra, A. Guillen.

CINEMA

ESPOSAS INGENUAS — Há muitos mezes que não viamos um bom film. Tivemos enfim esse prazer com as "Esposas Ingenuas". Eric von Stroheinn é um homem de talento. E' artista, metteur en scène e dramaturgo. Como artista só merece elogios. Como metteur en scène é extraordinario apezar de não chegar ainda á altura de certos mestres americanos. Como dramaturgo é um pouco fraco. O film pecca pelo enredo ou, melhor, pelo fim do enredo. Von Stroheim quiz fugir á banalidade e cahiu no inverosimel. Mas o interesse do enredo é sempre muito relativo e Von Stroheim agradou-nos immensamente. Compoz o personagem do conde Karanzin, conquistador e cynico, com uma revoltante naturalidade. Von Stroheim apezar de feio e desprezivel tem algo de D. Juan. Quem sabe o garbo militar, a desinvoltura, o proprio cynismo. Ha um pensamento que diz: para obter o amor das mulheres é preciso desprezal-as ou batel-as, segundo a classe social a que pertencem. Von Stroheim conhece esse pensamento e emprega-o. Mas sabe tambem usar do systema da doçura. Nenhuma ihe resiste sinão a idiota absurda e inutil da ultima parte.

Assim termina estupidamente esse D. Juan. jogado num esgoto. E' interessante observar-se tambem os dizeres bastantes originaes e syntheticos. Von Stroheim acabou com os palavrorios fatigantes que quebram a unidade da acção. Palavras soltas, suggestões simples. E' um passo a mais para a suppressão dos dizeres. Um film que passou ha pouco por um cinema da capital, mostrou-nos já a inutilidade dos lettreiros. E' de esperar que as fabricas façam outras tentativas nesse sentido.

INTERIM

LUZES & REFRACÇÕES

KLAXON recebe diariamente uma enorme quantidade de cartas anonymas. Injurias, applausos. Felizmente KLAXON não conseguiu ainda ser apenas injuriado ou apenas applaudido. E é só por isso que ella ainda vive.

Mas, voltando ás cartas, não faz mais de 15 dias recebemos uma assignada por R. V. Esse senhor proclama-nos, com terrivel orgulho, que o Parnasianismo, o Grande Parnasianismo morreu!

Cabe-nos, entretanto, o duro dever de desilludir o alegre missivista. Em primeiro logar, esse Grande Parnasianismo em verdade já é morto ha mais de trinta annos, o que sómente serve para provar que elle não valia grande cousa, pois apenas agora a nossa gente (o sr. R. V.) começa a dar pela sua falta. Em segundo logar, o que mais nos assombra é o seguinte: o sr. R. V., apesar de descendente de indios e espiritas, ignora completamente a existencia das almas do outro mundo. Porque, si assim não fosse, elle não exultaria tanto, com tamanho espalhafacto, se, por exemplo, tivesse lido O GRANDE NUMERO

DA CIGARRA EM COMMEMORAÇÃO DO CENTENARIO.

A morte do Parnasianismo é um facto, embôra o Parnasianismo continue a ser um "fato", um bello fato que nós já usamos muito tempo e que hoje demos para o nosso creado que o vae usando com orgulho.

* * *

Folheei uma dessas tardes um livro assignado por **Victor Orban**. São traducções francezas de versos **brasileiros**. Não sei se esse livro é encommenda official. — Mas deve ser — O governo que procura diffundir as nossas lettras no extrangeiro merece todos os applausos dos klaxistas. O traductor que se incumbio dessa triste e ingrata tarefa tambem os merece. Mas é necessario, para repouso da nossa consciencia, que o critiquemos amargamente. Primeiramente pela **escolha** banalissima que fez de poemas impessoaes e até mesmo nullos de autores insignificantes em grande parte, segundamente pela maneira muito litteral que empregou para traduzil-os. Litteral **por** vezes, quando o não devia ser. E muito livre, escandalosamente livre quando tambem não o devia ser. Assim é que traduzindo o "Mal Secreto" interpretou estes ultimos versos:

> "cuja ventura unica consiste em parecer aos outros venturosos!

por (citamos de memoria)

> ceux dont l'unique plaisir consiste á donner aux autres l'illusion du bonheur.

Apezar de não ser traductor, nem francez, acho que **plaisir** não quer dizer **ventura** e que "em parecer aos outros venturosos" não significa dar a illusão da felicidade a alguem. Essa idéa seria muito mais intelligivel assim exposta um francez: "ceux dont le seul bonheur consiste á faire semblant d'être heureux" Essa forma, quem sabe menos litteraria, é menos dubia tambem. E o francez é uma lingua clara por excellencia.

* * *

Conhecem um senhorzinho magricela, murcho, torrado, com pince-nez e um bigodinho que parece atirado por acaso em seu rostinho moreno? !

Pois esse extraordinario sêr, não sabemos como (é melhor dizer assim...), conseguiu receber empreitadas de critica literaria para o Grande Orgam da Praça Antonio Prado e para a Revista do Brasil!

Maravilhoso o nosso paiz! Aquelle jornal tão **rico** e esta revista tão gorda não encontraram alguem capaz de dar juizos sobre as nossas obras de arte, além daquelle verdadeiro **bôbo** que diriamos **alegre** si não fosse tão lamentavelmente irritado.

Leia-se, para se fazer juizo de semelhante juiz, a seguinte de suas melhores producções:

— **Mosaico** —

> Tenho no espirito um montão de ruinas
> Da encantada cidade dos amores
> E, por tantos mosaicos multicôres,
> Muitos braços de esplendidas meninas.
>
> Da arte antiga com todos os rigores,
> Eu lhes ajusto de uma a uma as quinas.
> E fazer-me-ei, si nas feições divinas,
> Toda, por mim, reconstituida fôres.
>
> Com a paciencia peculiar aos chinas,
> Empregando meu ocio em taes labores,
> Entrevejo umas faces femininas...
>
> Mas, não reconstituo os teus primores,
> Que, faltando resquicios entre as quinas,
> Faltam-te sempre os ultimos lavores...

Que tal? Nem a machina poderosissima de nossa grande fabrica, cujo annuncio sae na capa, seria capaz de triturar tanto uma idéa que não existe...

***

O sr. Paul Arné não se contenta em ser o respeitado critico theatral parisiense. Suas ambições são um pouco mais excitadas. E é por isso que elle ás vezes cuida de ser poéta e, o que é menos inoffensivo, de acreditar nos seus versos. Acabamos de lêr o seu ultimo trabalho "Les Voiles de Salomé", um acto em verso recentemente publicado.

Trata-se, nem mais nem menos, de uma nova (ainda uma!)) interpretação do tão celebre (como custa repetir este adjectivo!) episodio biblico que parecia já de vez embalsamado por Wilde. Paul Arné imagina os sete véos da princeza como symbolisando os sete peccados. A conclusão a gente já advinha: quando ella dansa com os véos, dansa cheia de impureza e, depois que vê Ioakanaan, quer dansar de novo, mas completamente núa, isto é, completamente pura...

Como se vê, é uma interpretação mais ou menos engenhosa, talvez mesmo interessante, mas de todo incapaz de produzir a menor emoção esthetica. Nesta época tão movimentada, tão suggestiva, causa-nos verdadeiro assombro esse desprezo do sr. Paul Arné por tanta fonte de inspiração, para preferir, mais uma vez, dissecar, autopsiar o pobre texto biblico. Accresce que o sr. Arné ainda possue uma certa confiança nos alexandrinos e tão enthusiasmado fica no desenrolar da peça, que não percebe o ridiculo destes versos que faz sair da bocca de Herodes, quando Salomé insiste em pedir a cabeça do santo:

"Sors donc de devant moi, monstre d'impitié,

De toutes tes horreurs, va, comble la mesure..."

Isso é absolutamente irritante neste anno de 1922. Hoje não se póde admittir mais (si é que algum dia já se poude) os homens-ruminantes. Aquillo que a gente comeu deve ficar no estomago ou percorrer outras trajectorias descendentes. E' horrivel mastigar e comer duas vezes a mesma cousa...

PANUOSOPHO, PATEROMNIUM & Cia.

Grande Fabrica Internacional

DE

SONETOS, MADRIGAES, BALLADAS E QUADRINHAS

TRABALHO BEM ACABADO, GARANTIDO POR CINCO LEITURAS. RAPIDEZ E DISCREÇÃO.

FORNECEM-SE IDÉAS DE TODOS OS PREÇOS, CÔRES E TAMANHOS

Tabella Geral

Quadrinhas, desde $200 a . 1$000
Balladas, desde 1$300 a 5$000

Madrigaes, epitaphios, acrosticos, etc. a preço de occasião.

Sonetos simples .. 1$200
Idem com rimas ricas .. . . . 1$500
Idem com consoante de apoio .... 2$100
Idem com chaves de ouro . . . . . 3$000

MAJORATION PROVISOIRE, 20 o|o

Para mais informações e detalhes peçam as nossas amostras e o nosso ultimo catalogo.

AGENTE PARA TODO O PAIZ: **KLAXON**